

Representantes do G-7 discutem com banqueiros redução da dívida

por Peter Norman
do Financial Times

Altos funcionários das Finanças do Grupo dos Sete (G-7) países mais industrializados se reunirão com representantes dos bancos credores no próximo mês para discutir os planos para a redução da dívida das nações do Terceiro Mundo, inspirados pelos Estados Unidos.

As conversações, que deverão ter lugar em Nova York no dia 15 de maio, deverão ser as primeiras entre representantes do chamado G-7 e dos bancos comerciais sobre a questão da dívida.

O Tesouro norte-americano, ao confirmar a reunião em Nova York, em meados de maio, informou que serão discutidas algumas possíveis mudanças nas normas relativas aos bancos comerciais, a fim de estimular acordos voluntários de redução da dívida.

Segundo autoridades monetárias europeias, as conversações deverão ser uma oportunidade para que go-

vernros e bancos troquem opiniões sobre várias questões levantadas pelo plano traçado pelo secretário do Tesouro norte-americano, Nicholas Brady.

As propostas de Brady sugerem o financiamento, por parte do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial, de planos voluntários de redução da dívida entre nações devedoras e bancos comerciais credores. O Plano Brady recebeu amplo apoio do FMI e do Banco Mundial em princípios deste mês, mas ainda existe incerteza entre os bancos e alguns governos a respeito da forma como o plano deverá funcionar.

Altos funcionários do Tesouro americano disseram publicamente que, em sua opinião, as normas bancárias norte-americanas não constituem obstáculo aos acordos de redução da dívida, muito embora o Japão e outros países do G-7 tenham de modificar suas normas bancárias.

Mas o FMI e outros membros do G-7 acreditam que será necessária uma

mudança das normas norte-americanas para que haja uma resposta suficiente dos bancos comerciais do país.

Ontem, alguns funcionários afirmaram que os países do G-7 não desejam envolver-se nas negociações para a redução da dívida. O comunicado divulgado pelo G-7 neste mês deixou claro que estas negociações são unicamente um assunto entre os países devedores e os bancos comerciais credores.

DÍVIDA MEXICANA

Ontem, em Nova York, quinze principais bancos credores do México realizaram consultas privadas, depois de se reunirem na terça-feira com os negociadores da dívida mexicana. Existe uma expectativa generalizada de que as conversações resultem no primeiro exemplo prático das propostas de Brady, depois do acordo do México com o FMI a respeito de um programa econômico trienal.

Durante as conversações de terça-feira foram analisadas a economia mexica-

na e a necessidade de financiamento a curto prazo, inclusive de um reescalonamento de US\$ 600 milhões do principal da dívida, que deverá ser pago neste ano. O México quer uma ajuda em forma de novos empréstimos, capitalização dos juros, redução da dívida ou do serviço da dívida, num montante equivalente à metade ou mais da metade dos US\$ 6 bilhões que deverá pagar neste ano de juros sobre a dívida. Não foram discutidas propostas mais específicas e ambos os lados poderão reunir-se hoje, novamente, disseram alguns banqueiros.

Outros países continuam tentando beneficiar-se das idéias de Brady. A Polônia pediu uma reunião com sua comissão de bancos credores, formada por oito instituições bancárias lideradas pelo Creditanstalt-Bankverein, da Áustria, para discutir como poderá usufruir dos benefícios do Plano Brady, disseram alguns banqueiros. A reunião será em Viena nos dias 10 e 11 de maio.